

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

CONSELHO EDITORIALJ. A. DO NASCIMENTO BRITO
PresidenteWILSON FIGUEIREDO
Vice-Presidente**REDAÇÃO**FRITZ UTZERI
Diretor de RedaçãoFABIO DUPIN
Editor AdjuntoMAURICIO DIAS
EditorLUTERO SOARES
Secretário de Redação

Visão Social

A escolha de dois economistas americanos, James J. Heckman, da Universidade de Chicago, e Daniel L. McFadden, da Universidade da Califórnia, em Berkeley, para o prêmio Nobel de Economia de 2000 é uma boa resposta dos meios acadêmicos à angústia e até mesmo às reações violentas dos críticos das seqüelas sociais causadas pelo acelerado processo de globalização.

McFadden e James Heckman, que participou do seminário "Pobreza e Desigualdade", promovido no Rio pelo Centro de Políticas Sociais do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas, desenvolveram pesquisas no campo da microeconomia, com viés social. Eles avaliaram os impactos na estrutura familiar dos trabalhadores americanos atingidos pelo desemprego.

De certa forma as pesquisas desenvolvidas pelos dois se assemelham ao espectro da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) desenvolvida pelo IBGE e que foram aprofundadas em recente trabalho de Ricardo Paes de Barros, diretor do núcleo de estudos sociais do Ipea, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada do Ministério do Planejamento.

Heckman fez elogios ao trabalho de Ricardo Paes de Barros, que identificou o agravamento das desigualdades sociais para as famílias de raça negra, com remuneração mais baixa de homens e mulheres negros na comparação com homens e mulheres pobres, de cor branca. E criticou as tentativas dos países europeus, copiadas pelo Brasil e alguns países da América do Sul, de tentarem proteger os trabalhadores mediante rígida regulamentação do trabalho.

Em sua opinião, o modelo de desregulamentação da contratação da mão-de-obra, aplicado nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, é o mais eficaz pois permite reduzir a taxa de desemprego, o que acarreta melhora na distribuição de renda. A globalização, em si, não é maléfica, mas precisa ser acompanhada por novas políticas de mão-de-obra.

Heckman considera indispensável que os governos forcem as empresas a investir em programas de treinamento e requalificação de mão-de-obra parte das contribuições sociais que deixam de arrecadar com a flexibilização do contrato de trabalho. Também acha fundamental que os governos invistam cada vez mais recursos em educação, para qualificar seus trabalhadores e sua produção. E vai apresentar as conclusões de um estudo sobre o mercado de trabalho da América Latina, que inclui visões do Peru, da Colômbia e da Argentina, num seminário esta semana na Costa Rica.

O trabalho de McFadden demonstra que os trabalhadores procuram encontrar emprego próximo do local de residência (e vice-versa), com o objetivo de reduzir as despesas com transporte e alimentação, melhorando a renda familiar. Seus estudos foram de grande valia para definir investimentos no sistema de transportes públicos de São Francisco. E também serviram para avaliar o custo do derramamento de petróleo no navio *Exxon Valdez*, na costa do Alasca, com suas conseqüências sociais. No Brasil, como se vê, a Petrobras e os governos, em todos os seus níveis, têm muito o que aprender e a aplicar com as teorias dos dois novos prêmios Nobel.